

# Contas do setor público têm rombo recorde

Em novembro, déficit primário foi de R\$ 8,1 bi e, no acumulado do ano, rombo chega a R\$ 19,6 bi, os piores resultados da série histórica

João Villaverde  
Célia Froufe  
Victor Martins / BRASÍLIA

O governo Dilma Rousseff deve fechar 2014 com uma marca negativa na política fiscal. Com o anúncio de um novo rombo de R\$ 8,1 bilhões nas contas públicas em novembro, o chamado resultado fiscal do conjunto de União, Estados e municípios acumulou um buraco de R\$ 19,6 bilhões neste ano. Este é o pior resultado em toda a série histórica, iniciada no fim de 1996, e sinaliza que o ano deve ser o primeiro a terminar com um déficit primário.

De saída após quase oito anos no cargo, o principal artífice da política fiscal, o secretário do Tesouro Nacional, Arno Augustin, garantiu ontem que haverá superávit "de dois dígitos" em dezembro. Mas, apenas para zerar o déficit acumulado entre janeiro e novembro, esse resultado positivo terá de ser de R\$ 20 bilhões – hoje, isso é considerado impossível, mesmo entre os mais otimistas técnicos do governo e economistas do mercado.

Também foi praticamente

abandonado o objetivo de poupar R\$ 10,1 bilhões para o pagamento dos juros da dívida pública, o superávit primário, previsto na proposta orçamentária enviada ao Congresso há apenas um mês.

Tudo indica que a opção da presidente Dilma Rousseff, afinal, é fazer uma "limpeza", ainda este ano, nas despesas que estavam sendo postergadas para ajudar a inflar o resultado fiscal de 2015. Com isso, as despesas continuaram a subir. O déficit da Previdência, que inicialmente era previsto pelo governo em R\$ 40 bilhões, chegou a R\$ 58 bilhões no acumulado até novembro. Foram despesas com benefi-

cios previdenciários as principais "pedaladas" pelo governo – a transferência do recurso do Tesouro aos bancos públicos e privados era feita com atraso para melhorar artificialmente as contas públicas.

**Fundo Soberano.** Além disso, o governo também recuou em duas alternativas contábeis anunciadas ao longo do ano. Augustin afirmou que o governo não vai mais sacar os quase R\$ 4 bilhões em aplicações do Fundo Soberano do Brasil (FSB) para reforçar a meta fiscal. O governo também não receberá os R\$ 2 bilhões que a Petrobrás tem de pagar ao Tesouro pela cessão onerosa de quatro campos do pré-sal – onde a União recebe, de forma antecipada, os valores dos barris vendidos pela Petrobrás no futuro.

**Atípico.** "O ano de 2014 foi atípico", disse Augustin. De fato, o ano que se encerra amanhã conseguiu registrar indicadores fiscais piores do que em 2013, que terminara com o pior esforço fiscal da história – apenas 1,9% do Produto Interno Bruto (PIB). Em 2014, apenas nos meses de



**Garantia.** Reservas internacionais garantem solvência do País, diz Arno Augustin

janeiro, março, abril e outubro o governo registrou superávit. Nos outros meses, teve déficit.

"Nós optamos por um caminho correto, de realizar um fiscal menor de forma a viabilizar uma alta dos investimentos para fazer a economia voltar a crescer", afirmou Augustin. Os investimentos federais somaram R\$ 73,6 bilhões entre janeiro e novembro, uma alta de 26,1% em relação a igual período de 2013.

O crescimento do PIB, no entanto, deve ser de apenas 0,1%, e, no próximo ano, um pouco melhor, entre 0,5% e 0,7%, avaliam técnicos da equipe de transição na área econômica do governo.

Com o fraco resultado fiscal e menos dinheiro sendo canalizado para o pagamento dos juros da dívida pública, o endividamento

federal não para de aumentar. Em dezembro de 2013, a dívida bruta do setor público era equivalente a 56,7% do PIB. Em agosto deste ano, o indicador já superava a marca de 60%. No mês passado, ainda em elevação, a dívida bruta já alcançara 63%.

Augustin, porém, avalia que a dívida bruta está estável. "A dívida bruta tem estabilidade e não tem crescimento. Nós temos reservas internacionais muito elevadas, que garantem um conforto de solvência do País. A dívida bruta de 2002 era uma e agora esse patamar deve ser analisado de outra forma, porque temos reservas e antes não tínhamos."

**Swap negativo.** O mês de novembro também não foi bom para o Banco Central. A autoridade

monetária informou que suas operações com o swap cambial – expediente criado no fim do ano passado para evitar oscilações na cotação do dólar – geraram prejuízo de R\$ 8,7 bilhões em novembro. Com isso, não só os ganhos de R\$ 6,7 bilhões registrados em outubro foram zerados, como o resultado acumulado no ano passou a ser negativo: R\$ 284 milhões. Em 2013, o BC registrou prejuízo de R\$ 1,3 bilhão com essas operações. No ano anterior, o resultado fora positivo – entrou R\$ 1,09 bilhão a mais do que saiu do caixa do BC em 2012. Para o ano que vem, o presidente do BC, Alexandre Tombini, já afirmou que as operações serão mantidas. **COLABORARAM ADRIANA FERNANDES, RENATA VERÍSSIMO e LAÍS ALEGRETTI**

## ROMBO ENORME

● Evolução das contas fiscais do setor público e o impacto sobre a dívida pública

### Resultado primário do setor público consolidado

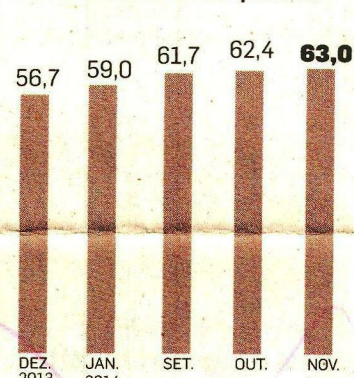
EM BILHÕES DE REAIS



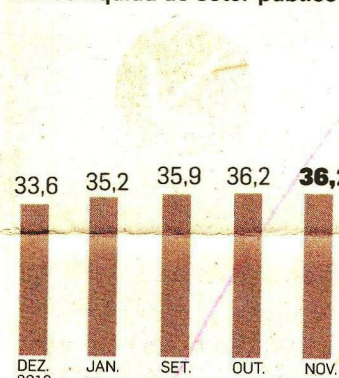
### Evolução das dívidas

EM PORCENTAGEM DO PIB

#### Dívida bruta do setor público

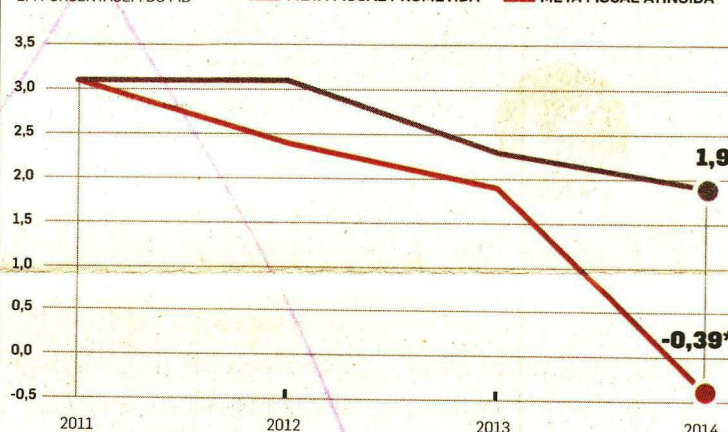


#### Dívida líquida do setor público



### Descumprimento das metas fiscais

EM PORCENTAGEM DO PIB



\*Dado que aponta o acumulado no ano até novembro  
FONTE: TESOURO NACIONAL E BANCO CENTRAL